

## OS BEBÊS COMO SUJEITOS SOCIAIS: ESCUTA E REGISTRO DOS SABERES DOS BEBÊS EM UM BERÇÁRIO DE CRICIÚMA-SC.

## BABIES AS SOCIAL SUBJECTS: LISTEN AND RECORD OF KNOWLEDGE OF BABIES IN A NURSERY OF CRICIÚMA (SC).

Lidiane Alves de Melo<sup>1</sup>

Marli de Oliveira Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse artigo trata de uma investigação realizada em um berçário de Criciúma, para registro e reflexão sobre as interações dos bebês com o meio. O objetivo do estudo foi compreender os bebês como sujeitos sociais, capazes de construir formas de brincar e de se comunicar. A metodologia adotada foi a observação e registro em Caderno de Campo. Ao todo foram quatro bebês investigados, com idade de seis a nove meses. A perspectiva teórica adotada foram os autores e autoras que buscam a compreensão das crianças como produtoras de Cultura, como Malaguzzi 1999, Fonchi 2015, Guimarães 2013 e outros. Pude perceber que desde o momento que chegam à creche os bebês apresentam formas diversas de se manifestarem e, se a educadora responsável por eles escuta suas expressões, consegue realizar um trabalho pedagógico a partir de suas necessidades.

**PALAVRAS CHAVE:** Bebê. Sujeito Social. Creche. Escuta.

**ABSTRACT:** This article discusses an investigation carried out in a nursery of Criciúma, for registration and reflection about the babies' interactions with the environment. The objective of this study was to understand babies as social subjects, able to build ways to play and communicate. The methodology adopted was the note and record in field Notebook. In all four babies were investigated, aged six to nine months. The theoretical perspective adopted were the authors and authors who seek understanding of children as producers of culture, like 1999, 2015 Fonchi Malaguzzi, Guimarães 2013 and others. I could see that from the moment you arrive at the daycare babies feature various forms of manifest and, if the educator responsible for they listen your expressions, can perform a pedagogic work from your needs.

**KEYWORDS:** Baby. Social Subject. Nursery. Listen.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da UNESC. Email: lidiane.melo@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da UNESC. Responsável pela disciplina Teoria e Saberes da Infância do curso de Pedagogia. Atua também nos cursos de História e no Programa de Mestrado em Educação como professora Colaboradora. Linhas de pesquisa: História da Infância. Memória e Patrimônio Cultural. Email: moc@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo aborda algumas manifestações do comportamento de bebês, da faixa etária de seis meses a nove meses em um berçário na cidade de Criciúma, buscando identificar como se comunicam entre si e com os adultos.

Este tema surgiu após dois anos de estágio não obrigatório com crianças de zero a três anos de idade. Tal estágio é oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Criciúma á estudantes de Pedagogia. A duração desse tipo de estágio é de dois anos com remuneração. Fui contemplada com essa oportunidade e pude aprender a educar crianças em idade de creche.

Durante minha atuação como estagiária e aluna de pedagogia, pude observar que embora os estudos sobre a infância tenham passado por muitas transformações em relação às crianças, ainda existe a concepção de bebê como uma tábula rasa. Ou seja, a professora ignora na maioria das vezes, a capacidade dos bebês construírem seu aprendizado juntamente com ela.

A partir do problema da pesquisa: De que forma os bebês se comunicam entre si e com as professoras? E porque suas interações não são percebidas pelos adultos como capacidade de relacionarem-se com o mundo? Iniciei uma investigação em que a escuta tem papel fundamental para identificar a capacidade de interação dos bebês. O objetivo geral desse estudo é compreender os bebês como sujeitos sociais capazes de construírem formas de brincar e de se comunicar com o mundo.

Esse trabalho apresenta uma abordagem qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos (2011) o método qualitativo utilizado em pesquisas preocupa-se com aspectos mais profundos, de forma a descrever o comportamento humano, fornecendo detalhes sobre, hábitos, atitudes, tendências de comportamento entre outros, não emprega instrumentos estatísticos.

A metodologia adotada foi a observação de quatro bebês, de seis a nove meses de idade, em um berçário particular da cidade de Criciúma. Para registrar as interações dos bebês entre os bebês e com os adultos que convivem com eles, durante o tempo que passei no

berçário utilizei o Caderno de Campo. Foram necessários cinco dias de investigação. No Caderno registrei os seguintes dados: Primeiras mediações, hora das refeições, momentos de higiene, hora do repouso, momentos de brincar e hora da chegada dos pais no berçário. Busquei descrever com minúcias, para obter informações que possam se unir aos estudos das infâncias que buscam evidenciar a capacidade das crianças desde as primeiras idades, em construir seus mundos de vida. Além da observação fiz uma entrevista em forma de questionário com a professora responsável pela turma.

As pesquisas com crianças são investigações recentes no campo da academia. Pesquisas com bebês são ainda mais recentes. Schmitt (2008) ao procurar artigos, teses sobre os bebês, encontrou apenas 58 pesquisas sendo que 31 delas são da área da Educação. Salienta-se então que estudos e pesquisas que buscam uma perspectiva de perceber os bebês como sujeitos sociais está apenas começando a se desenvolver.

Esse estudo buscou embasamento teórico dos seguintes conceitos: infâncias, educação infantil e bebês. Os estudiosos consultados foram principalmente: MALAGUZZI (1999), FOCHI (2015), porque ambos possuem uma concepção de bebê como ser ativo, comunicativo e capaz de um modo autônomo. Além desses autores foram consultados outros que contribuíram para as discussões.

As crianças de modo geral e os bebês têm sido tratadas ao longo da história como futuros adultos e/ou inocentes. No Brasil, depois da ratificação da conquista de seus direitos, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, 1990, as crianças passaram a ser percebidas como cidadãs.

O processo de mudança para com as crianças tem sido muito lento. As escolas também estão buscando outra percepção do que é, e de como lidar com elas. Amparada nos estudos e na Lei, posso inferir que quando a escola ouve as crianças, assume uma concepção de infância que percebe a criança no tempo presente, isso é, no momento em que ela é criança e busca por essa escuta, compreender o mundo de vida delas.

Para organização desse artigo, dividi a narrativa em dois subtítulos. O primeiro, “Os bebês como sujeitos sociais e comunicativos”, apresenta vários estudos acerca das vivências sociais dos bebês, sua capacidade de interpelar o mundo a seu redor e dos significados de suas experiências cotidianas. Além disso, destaca-se a importância de serem

ouvidos pelos adultos. O segundo, “A importância do outro e do meio no processo de conhecimento do mundo para os bebês”, mostra como os fatores externos (Outro/Ambiente), são de extrema importância para o bebê fazer suas aquisições do mundo. Nesse item apresento os resultados da investigação que realizei no berçário.

## 2 OS BEBÊS COMO SUJEITOS SOCIAIS E COMUNICATIVOS.

Pensar o bebê como um sujeito social e comunicativo pode aparentar para algumas pessoas um equívoco, pois muitos ainda possuem uma concepção que caracteriza os bebês como imaturos, pequenos e que nem se quer “falam”, para que possam se comunicar. Antes de tudo temos que ter em mente que essas imagens de bebê são reflexos do nosso passado cultural, assim precisamos nos desvincular dessas imagens, re-pensar os bebês (BARBOSA; FOCHI, 2012).

A reflexão de Barbosa e Fochi (2012) a respeito da criança enquanto bebê vai ao encontro das reflexões de Pedrosa (2009, p.17): “há poucas décadas, a criança, no primeiro ano de vida, era considerada um ser imaturo. Pelo fato de não andar, não correr, não falar, pensava-se que ela não sabia outras coisas”. Fazia-se, desse modo, uma generalização inadequada, pois se estendia essa incompletude para todos os outros processos que acompanham a vida das crianças.

Não se levava em conta a comunicação dos bebês, por eles não possuem linguagem verbal ainda formada, mas esse fato não significa que não podem se comunicar. Segundo Loris Malaguzzi (1999, p.72), “mesmo as crianças mais jovens são seres sociais. Elas são predispostas; elas possuem desde o nascimento a propensão para formar vínculos significativos”. Os bebês se comunicam e agem sobre o mundo em que vivem de diversas maneiras, sendo umas delas, os balbucios, gestos, a troca de um olhar, de um movimento do corpo, do tentar pegar um objeto, utilizando diversas maneiras para se comunicarem e se expressarem.

Assim, pode-se dizer que são sujeitos ativos no meio social em que vivem, sendo que, por meio de suas relações e interações constroem sua própria imagem do mundo.

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar... (MALAGUZZI, 1999, p.5).

Em outros textos, assim como o citado acima, Malaguzzi (1999) evidencia que a criança ou bebê, possui várias formas de se expressar e interpretar o mundo, utilizando de várias linguagens. O adulto é quem precisa perceber que essas linguagens não são apenas manifestações instintivas das necessidades dos bebês, tal percepção passa pela escuta. Deve reconhecer os bebês como ativos e capazes, sujeitos construtores de seu próprio modo de ver o mundo ao seu redor. “O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado do que é lhes ensinado, ao contrário, isso se deve em grande parte a própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e recursos disponíveis” (MALAGUZZI, 1999, p.76).

Isso não significa crer em um bebê super estimulado, mas sim pensar que desde o nascimento está apto e interessado em interpelar o mundo, em agir. Pois nem sempre os bebês necessitam de estímulos para exercerem uma atitude relevante sobre o mundo. Segundo Malaguzzi a criança, por mais pequena que seja, é capaz de modo autônomo extrair significados de suas experiências cotidianas por meio de atos mentais.

Em qualquer contexto, elas não esperam para apresentar questões a si mesmas e para formar estratégias de pensamento, ou princípio, ou sentimento. Sempre e em todo lugar, as crianças assumem um papel ativo na construção de aquisição da aprendizagem e compreensão. (MALAGUZZI, 1999, p.76).

Usando as palavras de Guimarães (2013, p.1) deve-se compreender que o “planejamento não serve como uma antecipação de forma á sabermos onde a ação da criança vai chegar, pois isso consequentemente diminuiu as possibilidades expressivas (as crianças não sentem que suas produções têm escuta e apoio).”

Mesmo entendendo os bebês como sujeitos ativos e comunicativos no meio social é importante salientar, que as aquisições significativas para os bebês são feitas nessa fase da vida, de forma inconsciente. Segundo Malaguzzi (1999, p.91) devemos levar em conta um aspecto, o respeito ao tempo da criança, tempo de maturação e desenvolvimento das ferramentas do fazer entender, “da emergência plena, lenta, extravagante, lúdica e em

constante evolução das capacidades das crianças; esta é uma medida de bom-senso cultural e biológico”.

Um dos fatores que nos faz refletir a respeito dos bebês como sujeitos capazes é o que argumenta Fochi (2015, p.56), “[...] a criança, justamente por sua condição de recém chegada, esta aberta a atuar no mundo de um modo interessado e inteiro, para descobrir sobre si mesma, sobre os outros e sobre o próprio mundo, e que isso só é possível pelo fato de ela está em ação no mundo.”

Outra questão importante quando se refere a bebês e seu processo de aquisição do mundo, isto é, de se fazer entender, é sua relação com o outro. Pedrosa (2009, p.19) coloca em um de seus artigos que uma das ferramentas do bebê para a satisfação de suas necessidades é utilizar o outro como mediação, o outro age como eco a solicitação dos bebês.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO OUTRO E DO MEIO NO PROCESSO DE CONHECIMENTO DO MUNDO PARA OS BEBÊS.**

Pensando no contexto da creche, quem mantém o contato com os bebês é principalmente, a professora. A professora pode ser considerada como o outro, que seria a mediadora na relação dos bebês com o ambiente ao seu redor e sua interação pessoal e interpessoal. Esse ambiente, considerando que os bebês são extremamente observadores segundo Pedrosa (2009), e autores citados anteriormente, exige uma construção favorável, sendo fundamental o relacionamento. Segundo Malaguzzi (1999, p.78) “o relacionamento é a dimensão fundamental de conexão de nosso sistema”. “Os espaços convidam à ação e à imaginação, por isso a importância de o educador funcionar quase como um cenógrafo, possibilitando as cenas que serão criadas pelas crianças, ajudando a que essas cenas possam ser sustentadas e ampliadas.” (GUIMARÃES, 2013, p.5).

Ao falar de bebês não tem como não falar de relação afetiva, Pedrosa (2009, p.18) coloca que “as trocas afetivas constituem a base das aquisições cognitivas e culturais porque é por meio dessas trocas que são construídos os diálogos”, pois, o vínculo, entre os bebês e os adultos, neste caso a professora e o vínculo com outros bebês e com o ambiente a sua volta, impulsionam essas trocas.

É por meio da segurança que o afeto traz para os bebês que se consolida sua aquisições. E de que forma construímos relações de segurança para com os bebês? Nas relações diárias, na troca de um olhar, na hora da refeição, da troca de fraldas, a confiança adquirida nesses momentos favorece aos bebês, momentos de se expressarem e explorarem/conhecerem o ambiente em que se encontram.

O modo como nos relacionamos com as crianças influencia o que as motiva e o que aprendem. Seu ambiente deve ser preparado de modo a interligar o campo cognitivo com os campos do relacionamento e da afetividade. [...] Os valores devem ser colocados em contextos, em processos comunicativos e na construção de uma ampla rede de intercâmbios recíprocos entre as crianças e entre elas e os adultos. (MALAGUZZI 1999, p.77).

A respeito da relação entre a professora e o bebê Malaguzzi (1999, p.79) fala que esse sistema de relacionamento deve ser real, simbólico, e simultâneo; “Nesse sistema cada pessoa tem um relacionamento formal – em seu papel – com as outras. Os papéis de adulto e criança são complementares: fazem perguntas uns aos outros, ouvem e respondem”. Ambos os papéis se completam ensinam e aprendem, essa relação entre ambos que favorecem o conhecimento do mundo.

Fazer educação significa cuidar do outro, considerando-o como sujeito ativo e afetivo, que produz sentido sobre o mundo com suas ações corporais, sensoriais, e mentais, expressando se de múltiplas formas, em permanente confronto e colaboração com o social no qual está mergulhado. Nesta perspectiva, educar é escutar2 o outro - criança, mobilizando ampliações de suas possibilidades de exploração do mundo. (GUIMARÃES 2013, p.1).

Pedrosa (2009, p.19) diz que “o ambiente humano é o único que lhe confere insumos para as conquistas importantes que fará”. Assim as relações/troca entre a professora e os bebês são de extrema importância para sua descoberta do mundo, e o ambiente favorece de forma significativa essas trocas. É como se a professora e o ambiente fossem um dos meios para os bebês descobrirem o mundo e a si.

Gandini (1999, p.157) acrescenta que o ambiente age como um educador para os bebês. Então, o ambiente necessita de flexibilidade para modificações frequentes, seja pelos bebês ou pelas professoras, proporcionando meios atualizados e sensíveis a suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento do mundo. Os bebês “são capazes

de fazer muito, quando são dadas as condições adequadas” (FOCHI, 2015, p.55), por isso a grande importância da professora, pois ela poderá dar essas condições adequadas, seja no afeto, no deixar livre ou em outras condições de oportunidades aos bebês se expressarem.

Ao interagirem com o meio os bebês descobrem diferentes coisas, que para os adultos talvez aparentem ser banais. Então, em alguns atos tendem a neutralizar os bebês, mesmo que inconscientemente, por isso, Malaguzzi (1999, p.61) chama a atenção para o olhar atento, que só a relação do olhar e da escuta poderia proporcionar. Segundo ele: “as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças”. Malaguzzi (1999) enfatiza que os meios de comunicação dos bebês são: o adulto, o ambiente.

Pelo olhar atento e observador das professoras sobre os bebês e suas relações e expressões, podem percebê-los de forma diferente, ou seja, percebê-los pelo que são e querem dizer, seja por gesto, um choro até mesmo um sorriso. Os bebês têm muito a dizer aos adultos, mesmo ainda não dominando a linguagem da fala (BARBOSA; FOCHI 2012, p.7).

A proposta é pensar os bebês como uma unidade ativa da vida, de forma a interpretar o mundo e segundo Pedrosa (2009) o fato de observar, escutá-los, ajuda no seu processo de conhecimento de mundo. De que forma, essa ação ativa pode ser evidenciada?

### **3.1 Os bebês de um berçário de Criciúma apresentam suas formas de interagir no mundo que os cercam**

Esse estudo foi motivado, como coloquei anteriormente, em função de em meu estágio perceber que as professoras que atendiam bebês os tratavam como sujeitos incapazes de exercer uma ação significativa no mundo. E, concordando com o que os estudos sobre infâncias e com crianças pequenas atualmente abordam, é possível perceber que em idade bem precoce os bebês se comunicam, interagem e trocam aprendizagens. Então, busquei um berçário de Criciúma para realizar essa investigação.

Os primeiros passos da investigação sobre a ação dos bebês foram: conhecer a instituição e conversar com a direção sobre a pesquisa. A diretora acolheu a proposta e assim solicitamos as autorizações para os pais. Ao solicitar as autorizações, foram esclarecidos os objetivos pesquisa, e colocado que haveria cuidados em preservar a imagem e as

identificações dos bebês. Respeitando seus direitos como cita o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei n. 8.069/90, “Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.” (BRASIL, 1990).

Assim, foram escolhidos nomes fictícios para preservação de suas identidades. Após esse período de esclarecimentos chegou o dia de fazer o primeiro contato com eles, logo ao entrar visualizei seus rostos. Eram: Lírio, Aurora, Lótus e Lupin. Como serão denominados nesse estudo, pois, optei em colocar tais nomes fictícios que tem origem de flores, após uma pesquisa na *internet* sobre as flores e suas característica percebi que muitas delas poderia ser ligada com as características dos bebês pesquisados, desta forma os nomes foram selecionados.

Nome	Idade
Lírio	9 meses
Aurora	6 meses
Lótus	6 meses
Lupin	7 meses

Ao todo foram cinco dias de observação no período vespertino. A professora da sala mostrou-se muito atenta e dedicada. Realizei também uma entrevista com ela sobre fatores relacionados aos bebês, como ela os vê no mundo e como ocorre a sua interação com eles. Tal entrevista acrescentou outras informações na investigação.

O período de observação foi um período de espera, de silêncio e ao mesmo tempo de escuta. Desta forma, sendo sem dúvidas um desafio, pois o escutar e registrar muitas vezes o silêncio não é algo fácil, mas necessário quando se fala de pesquisa com bebês, pois cada gesto, cada sorriso, choro tem um significado, um significa que deve ser ouvido, registrado.

As primeiras noções sobre o mundo se constituem no encontro e nas interações com adultos e outras crianças, marcados pelas relações de emoção e afeto e pelas oportunidades que as práticas culturais e as linguagens simbólicas daquela sociedade sugerem. (BARBOSA; RICHTER 2010, p.92).

Assim, valorizar atitudes simples, como os gestos e tudo que parte da criança, do bebê é importante para o registro, por isso a necessidade de muitas vezes ficar em espera, que para o adulto que vive na correria, tem dificuldade. É o que nos diz Fochi (2015 p.78) em sua pesquisa com bebês que foi percebendo com o decorrer dos dias de sua observação, que seu papel emergia da postura do aguarda, “aguardar as ações das crianças”.

Uma das ações investigativas nesse artigo foi à entrevista com o “outro”, adulto responsável pela turma, qual seja, a professora.

### 3.2 O que fala a professora

Essa pesquisa tem como foco os bebês, mas pelo fato de a professora estar sempre em contato com eles, faz parte como sujeito da pesquisa, esclarecendo que sua prática não está em observação, mas sim por considerar que ela tem influência nessa investigação, a importância do adulto, não é pela sua intervenção direta com o bebê, e sim nas possibilidades que ele cria, Barbosa e Richte (2010, p.91) relatam que “A criação de espaços pedagógicos, de materiais e a construção de ações educativas que desafiem e contribuam para o desenvolvimento das crianças exigem preparo e disponibilidade das professoras.”

Desta forma nos meus dias de observação no cotidiano no berçário fiz algumas perguntas referentes aos bebês, de como ela os vê em contato com o mundo, se é fácil escutá-los, afinal uma das questões que me fez escolher este caminho de pesquisa se refere o como as professoras vêem os bebês.

Assim com um bloco de notas, questionei a professora sobre questões referentes ao bebê e as registrei. Lembrando que nesta pesquisa não usarei o nome da professora, apenas será citada como “Professora”, pelas questões éticas de preservação a sua imagem, já que assim foi preferido por ela.

A primeira questão que fiz foi como se dava a relação dela com os bebês, se era fácil entendê-los:

No início de cada adaptação, é uma descoberta para a professora identificar o choro da fome, do sono ou choro: “preciso de um colinho,” Dentro de poucos dias já consigo identificar, tornando nossa interação de forma satisfatória e nada complicado, como professora do berçário aprendi a compreender de forma

comunicativa os bebês, suas vontades e necessidades, através do choro, dos lindos sorrisos e da expressão facial de cada um. (PROFESSORA, 2017).

A imagem que temos a respeito das crianças/bebês interfere nas formas que nos relacionamos com elas e de como vamos interpelar as vivências exercidas por elas (BARBOSA; FOCHI, 2012, p. 18). E sabendo que “o Outro ser humano é o estímulo mais relevante para a criança em seu meio”, pois é sobre a “orientação do olhar para o Outro, pela descrição sutil da voz humana em confronto com outros sons do ambiente” (PEDROSA, 2009. p.17) que os bebês constroem suas aquisições de mundo. Tratando-se da imagem dos bebês questionei a professora sobre como ela os vê no mundo:

Descrevo um bebê da seguinte maneira, ele sim é um sujeito capaz de entender o mundo em sua volta de acordo com suas limitações. Eles compreendem quando seus pais chegam, no olhar, no ouvir, reconhecem as pessoas do seu convívio diário, decidem se quer ou não ficar um determinado local, quando cansa, comunica-se através do choro, quando quer algo, se comunica com diversas expressões, choro, sorriso, balbucios. (PROFESSORA, 2017).

Desta forma, saliento a importância da professora no cotidiano dos bebês, e como a imagem que a professora tem de bebê, influência na sua relação com eles. E, também a importância de estudos como esse, que se vê os bebês, as crianças em seu tempo real, valorizando suas aprendizagens. Assim faço das palavras de Fochi (2015, p.62) as minhas,

Embora minha questão central esteja voltada para a investigação sobre a ação das crianças, os adultos são parceiros e não só estão ao fundo do que quero investigar, mas também podem ou não criar as condições para a emergência das experiências dos bebês.

No berçário investigado a professora também colocou o que pensa acerca da presença dos adultos na vida dos bebês:

O adulto representa para a criança, segurança, amor, contribuindo para seu desenvolvimento em todos os sentidos, instigando-os as descobertas, pois para eles tudo é novidade, uma aventura, e o papel do adulto na vida do bebê é crucial para sua vida ao longo do tempo, em relação a sua autonomia, segurança, auto-estima e entre outros fatores importante no seu desenvolvimento. (PROFESSORA, 2017).

Desta forma, percebe-se a importância do adulto em relação as várias questões referentes ao desenvolvimento dos bebês. A forma de ver e de ouvi-los, a escuta atenta é o

que os bebês precisam. Tudo isso cabe ao outro, ao adulto, a professora estabelecer de diferentes formas para melhor desenvolvimento dos bebês; esse trabalho além de salientar as vivências dos bebês serve para mostrar que os bebês são capazes de fazer suas relevância de mundo e, principalmente entender que suas ações, comunicações tem impacto no mundo e no cotidiano de todos em seu entorno.

Nas escolas de Educação Infantil, os adultos deveriam então assumir essa postura, pois depende deles, a proteção e o encaminhamento dos bebês para o mundo que vivem. Ao se colocarem na posição de escuta das expressões, primeiras formas de linguagem das crianças, os adultos poderão estabelecer formas de diálogos com as crianças que ainda não adquiriam a fala em sua plenitude. E, como vivem e o que dizem os bebês investigados?

### **3.3 Os bebês em seu cotidiano de berçário**

De acordo com Guimarães (2013, p.1) “se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e educador que dêem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades.” Através do ambiente pode-se adquirir diversas coisas entre elas a cultura, é como diz Gandini (1999, p.150) “O espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas, e um exame cuidadoso, revela até mesmo camadas distintas dessa influencia cultural”, através do ambiente os bebês podem abstrair diversas coisas, assim relevando sua importância. É importante destacar também que:

O tamanho de um espaço para a criança não tem relação só com a metragem dele, mas relaciona-se com a forma como este espaço é experimentado. Uma casa com uma metragem pequena pode ser sentida pela criança (ou pelo adulto) como maior do que um espaço com dimensões maiores, se há intimidade, sensação de segurança e pertencimento nessa casa. (GUIMARÃES 2013, p.2).

Os dias em que passei em observação no berçário foram possíveis ver questões importantes sobre o ambiente. A Instituição tem um ambiente extremamente favorável para as crianças. Há árvores e jardim com flores, a sala do berçário possui berços, BB conforto, trocador, variedade de brinquedos, livros específicos para bebês, TV, cadeira de balanço, estofados, tatames, entre outros materiais disponíveis aos bebês, para a construção de vários

espaços educativos. As crianças em geral têm o dom de fazer muito com coisas e objetos do seu próprio cotidiano, de criar com matérias simples.

As crianças ressignificam esses objetos em suas relações com eles, expandindo suas funções. Assim, os berços podem ser mediadores do contato das crianças entre si, se são organizados de modo a favorecer troca de olhares, toques, objetos. As cadeiras tornam-se esconderijos, etc. Também os panos e 3 colchonetes, ao mesmo tempo em que servem de apoio para que as crianças se sentem, engatinhem e explorem o chão, ganham novos sentidos quando se tornam suportes para brincar de esconder, ou quando se prestam a serem empilhados e derrubados, sucessivas vezes. (GUIMARÃES 2013, p.2).

Nos dias que passei em pesquisa, a professora estava construindo um móvel com bambolês, garrafas, materiais que os bebês podem manusear e explorar. Contribuindo com o que diz Gandini (1999, p.156) “A fim de agir como um educador para a criança, o ambiente deve ser flexível, deve passar por uma mudança freqüente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecerem atualizados e sensíveis as necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento”.

O ambiente favorece então, oportunidades de comunicação e interação.

### **3.4 Os bebês e suas interações e comunicações**

Ao chegar à creche e conhecer os bebês, pude sentir os desafios que seria a pesquisa, pois estar a observar e registrar as ações que emergem dos bebês não é algo simples, exige de quem observa um olhar específico, atento para tudo e todos.

Observei por meio do riso, do choro, como se dá sua comunicação e relação com o mundo e com o outro a sua volta, a simplicidade dos gestos que partem do bebê e seus diversos significados. Segundo Guimarães (2013, p.1) relacionar-se não se refere apenas com o racional, a lógica “mas especialmente com o corpo e a emoção. Relaciona-se com a idéia de aprendizagem não apenas como [...], repetição do modelo do mundo adulto, mas como criação de sentidos sobre o mundo, invenção de possibilidades com o corpo inteiro.”

No primeiro dia os bebês me estranharam enquanto “outra” desconhecida, suas expressões faciais deixaram evidente isso, por alguns momentos eu quem fui o alvo de observação deles. Seus rotos sérios e desconfiados, não sorriam, apenas olhavam. Então tentei

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

manter contato com eles, me aproximar mais, rir, brincar para construir certo vínculo e para que eles se sentirem mais a vontade. Pois sabendo que é por meio do vínculo que os bebês constroem sua segurança como diz Barbosa e Richter (2010, p.92) “as primeiras brincadeiras do bebê estão relacionadas tanto ao vínculo entre seu corpo e o corpo de quem o cuida quanto à confiança como fator imprescindível relacionado aos primeiros cuidados e à sobrevivência do bebê.”

Em meu primeiro contato construí também minhas primeiras impressões sobre cada bebê individualmente. Aurora com apenas seis meses, mostrava-se uma menina sorridente e sempre alerta, principalmente sobre tudo que acontecia ao seu redor. Possui um olhar curioso sobre tudo e todos. Parecia gostar de ficar sentada, pois, assim conseguia ver melhor ao seu redor e talvez saciar sua curiosidade.

Lótus, um menino de seis meses, como Aurora demonstrava ser mais tranqüilo. Ainda não conseguia se manter sentado, ficando sempre deitado. Seu olhar parecia mostrar certa serenidade, seus gestos eram suaves.

Lupin, um menino de sete meses, mostrava-se alegre e “serelepe”, seus braços e pernas nunca estavam parados, sempre tentando encostar, pegar as coisas, mesmo sendo um mês mais velho que Aurora, ainda não conseguia ficar sentado, mas isto não o impedia de se movimentar, brincar, e interagir com os outros e com o meio.

Lírio, de nove meses, era o mais velho da turma. Eu o achei simpático, mostrava de que maneira preferia ficar, gostava de ficar sentado, se a professora o colocasse deitado, logo começava a chorar, mas era um garoto tranqüilo.

As relações que vem dos bebês são visíveis de várias maneiras, como cheguei à creche no primeiro horário da tarde, todos estavam dormindo, conforme foram acordando, “chamavam” a professora, Lírio começou a chorar e não parou enquanto a professora não foi até ele e o tirou do berço, o choro foi sua forma de “falar” a professora que já tinha acordado. Barbosa e Richte partem do pressuposto de que as formas que os bebês usam para se comunicar:

Emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros. (BARBOSA; RICHTER 2010, p.87).

Assim aconteceu com os outros bebês, Aurora, Lótus e Lupin ao acordarem encontraram formas de “chamar” a professora até eles.

Em meu Caderno de Campo registrei o que convencionei “Conversa entre Lírio e Aurora”. “Os bebês estavam sentados no tatame no chão, próximos um do outro, Lírio começou a resmungar, querendo chorar, Aurora que estava próxima a ele, o olhava com atenção balançava as mãos e dava gritinhos com Lírio, a expressão do seu rosto e seus gritinhos se transforma em palavras de uma intensa conversa.” (CADERNO DE CAMPO).

Tal conversa só foi possível em função de um ambiente favorável, pois se estivessem no berço, BB conforto, não seria possível ter esse contato, diálogo com o outro, Guimarães (2013, p.3) coloca que: “quando se movimentam livremente no espaço, as crianças tendem a formar subgrupos (onde acontecem trocas de objetos, negociações). Pode-se ver fortemente a força narrativa nestas experiências. Espaços e objetos catalisam encontros e favorecem a expressividade.”.

Outro dialogo observado foi de Lírio com a professora: “Lírio – Ba, eeee, ba, ba... [...] Professora – Que foi Lírio? [...] Lírio – Ba, ba, BA”. (CADERNO DE CAMPO).

O interessante nesse diálogo com a professora foi que observei a pausa que Lírio dava, ele balbuciava e espera em silêncio até a professora responder, e assim se seguia o diálogo entre eles.

Ao adulto cumpre estar presente, observar, procurar dar sentido às linguagens da criança e responder adequadamente, pois esse diálogo somente poderá ocorrer com a materialidade do corpo capaz de expressar desejos, gostos, aflições. [...] É um ato de disposição colocar-se na perspectiva de que também nós, adultos, pela condição de humanos, já esquecemos, já deixamos de saber. Nesse caso, os bebês nos ensinam a reaprender outros modos de sentir, perceber e agir no mundo. (BARBOSA; RICHTER 2010, p. 87).

No “cotidiano da creche existem uma riqueza de ações que não são validadas como aprendizagens culturais”, cabendo assim, a professora viabilizar essas ações, ao adulto “estar presente, observar, procurar dar sentido às linguagens da criança e responder adequadamente, pois esse diálogo somente poderá ocorrer com a materialidade do corpo capaz de expressar desejos, gostos, aflições”. (BARBOSA; RICHTER 2010, p.87).

As ações dos bebês vão além do que esperamos deles, sempre nos surpreendem com algo, “Lupin ao se deparar com sua imagem no espelho, uma proposta feita pela professora, ficou encantado, regalou os olhos, começou a rir, dava gargalhadas, mexia os braços tentando pegar o espelho, um momento de euforia para ele, balbuciava, ver sua imagem, foi algo que fixou. Lupin tinha olhos apenas para o espelho, o que pode ter acontecido neste momento é que ele estava conhecendo um pouco de si, se reconhecendo como sujeito” (CADERNO DE CAMPO).

Essa cena de Lupin em frente ao espelho, interagindo com seu próprio corpo, de forma a fazer suas próprias aquisições de si mesmo, isso vem ao encontro com o que diz Weschenfelder (2012, p.12) “trata-se de um espaço que produz subjetividades e identidades”. A creche em seu cotidiano tem como uma das funções possibilitarem a criança se constituir enquanto sujeito, seja com as relações com o outro, ou, o fato de se relacionar consigo mesmo através de sua imagem no espelho.

Ao final da tarde era a hora de se encontrar com a mãe, em todos os momentos que pude presenciar quem sempre iria buscar os bebês eram as mães, esse momento era de alegria para eles. “Lótus estava deitado em uma cadeira de balanço, a professora tinha colocado uma música para eles ouvirem, ele estava deitado de costas para a porta, quando sua mãe apareceu e disse – Filho, a mãe chegou! Logo ele começou a sorrir, balançar o braço e tentava se virar, o som da voz da mãe foi mais intenso que a música que estava tocando, ele a reconheceu apenas ao ouvi-la.” (CADERNO DE CAMPO). O sorriso vindo de Lótus, os braços balançando foi uma forma de interação, interação com o outro, com a voz da mãe que ele sabia que ela estava ali, foi a forma que ele encontrou de expressar sua alegria e dizer que queria ir com a mãe.

Desta forma, emergem diversas aprendizagens exercidas pelos bebês, suas formas de comunicação e interação, provando que são sujeitos sociais, culturais e comunicativos no mundo em que vivem; e que os fatores externos, o meio e o outro, são importantes para cada aquisição feita por eles, é através do ambiente saudável e cheio de possibilidades criado pelo adulto, neste caso a professora, para favorecer as aquisições dos bebês. O choro do bebê, o seu sorriso, a expressão do seu corpo com o mundo é possível observar seu jeito sutil de dizer que é um sujeito de direitos.

## 4 CONCLUSÃO

Esse estudo buscou mostrar como a imagem dos bebês, suas ações, interações muitas vezes passam despercebidos ao olhar das professoras, não sendo vistas como aprendizagens importantes para seu desenvolvimento. Os elementos descritos nesse artigo sobre observações feitas no cotidiano do bebê mostram que eles são capazes de ter relações significativas, que expressam sua forma de ver e se construir o mundo, seu mundo dentro do mundo dos adultos.

A imagem que se tinha até décadas atrás era de que os bebês eram incompletos, imaturos para tomar atitudes referentes às suas ações, que não conseguiam fazer suas aquisições de mundo. Os estudos com crianças nos últimos anos ofereceram outros focos para se olhar os bebês e as crianças de forma geral, buscando reflexões para percebê-los em seu tempo real. Por meio da escuta e oferecendo espaços para eles se expressarem e exercerem sua função de sujeito no mundo em que vivem.

Os relatos descritos nessa pesquisa sobre as observações feitas no cotidiano dos bebês mostram que eles são capazes de ter relações significativas, de fazer suas próprias aquisições de mundo. As relações que os bebês têm com outros bebês com os adultos, com o ambiente ao seu redor evidenciam suas capacidades, basta ouvir seus gestos, sorrisos, balbucios, dar vez para os bebês.

Desta forma, com esse trabalho espero ter contribuído para a pedagogia da infância. A pedagogia que percebe os bebês, suas interações cotidianas, pois trabalhar com bebês em um ambiente de creche vai além de trocar fraldas e dar comida, essas são questões básicas, que feitas com afeto contribuem para a confiança do bebê e suas aprendizagens que vem a partir disso. Então a quem for ler este trabalho, que possa ver por meio dele, as competências que os bebês possuem.

## 5 REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. O DESAFIO DA PESQUISA COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENA. In: IX ANPED SUL - SEMINÁRIO DE

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº1, janeiro/junho 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Artigo.** : Cefe, 2012. p. 1 - 13.

Disponível em:

<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao\\_e\\_Infancia/Trabalho/07\\_32\\_06\\_1234-6692-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao_e_Infancia/Trabalho/07_32_06_1234-6692-1-PB.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2017.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

FOCHI, Paulo. **Afinal o que os bebês fazem no berçário?**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GUIMARÃES, Daniela de O. **Espaços e Experiências**. 2013. Disponível em:  
<<http://santoestevaoeduinfantil.blogspot.com.br/2013/08/espacos-e-experiencias.html>>.  
Acesso em: 10 maio 2017.

MALAGUZZI, Loris. Histórias idéias e filosofia básica In. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Os bebês interrogam o currículo**: as múltiplas linguagens na creche. Educação (ufsm), Santa Maria, v. 35, n. 1, p.85-96, jan. 2010. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsm.br/index.php/reveducao>>. Acesso em: 10 maio 2017.

PEDROSA, Maria Isabel. **A surpreendente descoberta: quem é e o que pode aprender uma criança de até três anos**. Brasília: MEC. 2009. Disponível em:<<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20crian%C3%A7as%20em%20creche%20-%20Salto%20para%20o%20futuro.PDF>> Acesso em 19 de outubro de 2016.

WESCHENFELDER, Noeli Valentina. BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL PÚBLICA: A ESCUTA E AS PALAVRAS NOS ANOS INICIAIS DA VIDA. In: IX ANPED SUL - SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Artigo.** : Cefe, 2012. p. 1 - 14. Disponível em:  
<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao\\_e\\_Infancia/Trabalho/07\\_37\\_30\\_1851-6701-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao_e_Infancia/Trabalho/07_37_30_1851-6701-1-PB.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2017.